

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA**

**LUCAS VINICIUS RIBEIRO DE SOUSA**

**CONDUTAS CAT FRIENDLY EM AMBIENTE HOSPITALAR – CONSULTA DE  
QUALIDADE PARA O PACIENTE, TUTOR E VETERINÁRIO**

**UBERLÂNDIA**

**2022**

**LUCAS VINICIUS RIBEIRO DE SOUZA**

**CONDUTAS CAT FRIENDLY EM AMBIENTE HOSPITALAR – CONSULTA DE  
QUALIDADE PARA O PACIENTE, TUTOR E VETERINÁRIO**

Projeto de pesquisa apresentado à Faculdade de  
Medicina Veterinária da Universidade Federal  
de Uberlândia, como requisito à aprovação na  
disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso  
II

Orientador(a): Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sofia Borin  
Crivellenti

**UBERLÂNDIA**

**2022**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente aos meus pais, Gerson e Dilma, por me apoiarem em todos os momentos dessa caminhada, que diversas vezes foi tão difícil. Tenho o orgulho de presenciar que tais esforços tiveram resultado, amo vocês!

A minha orientadora gateira, Sofia Borin Crivellenti, tenho agradecimentos mais que especiais. Jamais esquecerei suas aulas de semiologia, as quais ministra com excelência e que cativa tantos alunos. Sempre amei gatos, mas a senhora me mostrou que, para atendê-los com maestria, precisamos compreender como sua espécie percebe o mundo. Não sei se sempre sonhou em ser professora, mas o que posso te dizer é que faz isso melhor do que todas e todos os outros que já passaram pela minha caminhada acadêmica.

Ao professor Leandro Crivellenti, que desde o momento que entrou na UFU, se tornou uma de minhas inspirações. Sempre extremamente educado e didático. Gratidão eterna pelo que me ensinou e o tanto que me apoiou.

Ao professor Matheus Mantovani, que também é uma de minhas inspirações, não só acadêmica, mas também como a pessoa incrível que é.

A minha professora Suzana Tsuruta, que além de uma inspiração se tornou uma grande amiga. A você Su, quero dedicar agradecimentos especiais, obrigado por ser quem é, por acolher seus meninos, por nos ensinar tanto, por ser nossa amiga. Quando eu crescer quero ser como a Su!

Agradeço ao meu “irmãozinho” gateiro Vinícius Mendes, obrigado por trilhar esse caminho comigo, por ser um verdadeiro amigo, te amo!

Agradeço ao meu namorado Eduardo, por todo o apoio de sempre, te amo!

Aos meus irmãos Anna e Gabriel, amo vocês.

Agradeço aos meus grandes amigos, Rodrigo, Any, Letícia, Camila, Mariana, Deborah, Lorena, Nathália e Isadora e a todos meus outros amigos.

Aos modelos desse TCC, Channel, Branquinho e Lulu Santos.

Em conclusão, agradeço a todos os pacientes que passaram por minha jornada até aqui, caninos e felinos. Obrigado por cada olhar, por cada lambeijo, cada momento inesquecível. Em especial aos meus bichanos e nosso feliamor.

“Os gatos não me ensinaram ser médico  
veterinário.

É muito mais do que isso, eles me ensinaram o  
significado da palavra cuidado.”

(Lucas Vinicius Ribeiro de Sousa)

## 1.RESUMO

A grande carga de estresse que a consulta veterinária de um felino pode causar no próprio paciente, em seu tutor e na equipe veterinária é bastante conhecida. A falta de conhecimentos do comportamento felino e da interpretação das suas formas de comunicação, trazem frequentemente a consulta, um paciente com respostas agressivas a qualquer forma de manipulação. Além do estresse ser um potencial causador do aparecimento de doenças, ele pode desencadear uma má relação da equipe veterinária com seus tutores de gatos. Em meio essa realidade, houve a criação de uma campanha internacional que tem por objetivo a difusão de práticas veterinárias e clínicas mais agradáveis e menos invasivas ao felino, denominadas *cat-friendly*. A adoção dessas condutas amistosas traz inúmeros benefícios e uma grande desenvoltura em uma consulta, aumentando a reputação da clínica veterinária perante o tutor e trazendo ao paciente uma experiência menos frustrante. Dessa forma, este trabalho apresenta uma revisão de literatura dos principais pontos de uma consulta veterinária mais amigável, elucidando uma visão mais empática, com o objetivo de elaborar um vídeo documentário que contará com o passo a passo de uma consulta mais amistosa ao felino.

**Palavras-chave:** *cat-friendly*; gato; estresse; médico veterinário

## ABSTRACT

The great stress load that a feline's veterinary consultation can cause on the patient himself, on his owner and on the veterinary team is well known. The lack of knowledge of feline behavior and the interpretation of its forms of communication, often brings a patient with aggressive responses to any form of manipulation. In addition to stress being a potential cause of disease, it can trigger a poor relationship between the veterinary team and cat's owners. In the midst of this reality, an international campaign aiming to disseminate veterinary and clinical practices more pleasant and less invasive to the feline, called cat-friendly, was created. The adoption of these friendly concepts of behaviors brings countless benefits and a great resource in a consultation, increasing the reputation of the veterinary clinic before the owner and bringing the patient a less frustrating experience. Thus, this work presents a literature review of the main points of a more friendly veterinary consultation, elucidating a more empathic point of view. There is also a proposal for a documentary execution plan, which will include a step by step of a more cat-friendly consultation.

**Key words:** *cat-friendly*; cat; stress; veterinarian.

## SUMÁRIO

1. RESUMO .....	5
1 INTRODUÇÃO .....	5
2 REVISÃO DE LITERATURA .....	6
2.1 <i>Cenário evolutivo e domesticação</i> .....	6
2.2 <i>Comunicação felina e os sentidos</i> .....	7
2.3 <i>Comunicação visual</i> .....	7
2.4 <i>Comunicação social</i> .....	8
2.5 <i>Comunicação olfativa e sentido olfato</i> .....	8
2.6 <i>Comunicação vocal, tátil e os sentidos audição e visão</i> .....	9
2.7 <i>O medo e a ansiedade</i> .....	10
2.7.1 <i>Reconhecendo o medo</i> .....	10
2.8 <i>Socialização e aprendizagem</i> .....	11
2.9 <i>Consultas amistosas para o felino</i> .....	12
2.9.1 <i>A importância das práticas amigáveis</i> .....	12
2.9.2 <i>A sala de consulta</i> .....	13
3 METODOLOGIA .....	15
4 CONCLUSÃO .....	16

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- FIGURA 1:** Paciente sendo abordado de forma amigável e delicada, não apresentando agressividade, ansiedade ou medo. **Fonte:** o autor (2022). **06**
- FIGURA 2:** Uso de feromônio sintético para melhor recepção do paciente. **Fonte:** o autor (2022). **09**
- FIGURA 3:** Paciente recepcionado da forma correta e sem apresentar respostas ao medo. **Fonte:** o autor (2022). **11**
- FIGURA 4:** Recepção por uma equipe preparada para realizar um atendimento agradável ao paciente e tutor. **Fonte:** o autor (2022). **13**
- FIGURA 5:** Recepção do paciente de forma adequada, esperando o gato sair da transportadora de forma espontânea. **Fonte:** o autor (2022). **14**
- FIGURA 6:** Veterinário ofertando petisco e fortalecendo o vínculo com seu paciente. **Fonte:** o autor (2022). **15**

## 1 INTRODUÇÃO

As porcentagens de gatos de estimação vêm crescendo a cada ano em inúmeros países e muitas vezes ultrapassando as porcentagens de cães (AAFP, 2004). Mesmo na presença de grandes avanços na medicina e cirurgia de felinos, inúmeros veterinários, suas equipes e tutores de gatos não compreendem e não sabem lidar com os comportamentos normais da espécie (BRUNT, 2016). As exigências dos gatos são muito diferentes das dos cães. Saber reconhecê-las e manejá-las é imprescindível para médicos veterinários criarem vínculos afetivos com os tutores de gatos, mas, além disso, esses conhecimentos são extremamente necessários para que a equipe veterinária crie ambientes que sejam muito menos estressantes (RODAN et al., 2011).

Apesar das grandes porcentagens de gatos de estimação, inúmeros tutores têm grande receio de levá-los ao veterinário. Muitas vezes enfrentam dificuldades práticas, como simplesmente colocar o gato na caixa de transporte ou lidar com o aborrecimento pela forma estressante que a equipe veterinária interage e maneja o gato. Outros tutores sentem-se envergonhados com a forma que o seu gato reage às práticas veterinárias (RODAN, 2016).

As formas erradas de abordagem em uma consulta veterinária podem levar à agressividade do paciente felino, por suas necessidades comportamentais não serem respeitadas, o que leva a uma frustração da equipe veterinária, por não conseguir realizar procedimentos necessários, mas também do tutor, que percebe que a equipe não tem o controle da situação (RODAN et al., 2011). Em virtude da realidade apresentada acima sobre uma consulta frustrante para o gato, tutor e veterinário, esse trabalho encarrega-se do dever de difundir as práticas veterinárias amigáveis aos gatos em uma consulta veterinária, por meio de uma revisão de literatura de grandes autores da área e em seguida o desenvolvimento de um vídeo documentário com instruções para médicos veterinários contendo tais práticas.



**Figura 1:** Paciente sendo abordado de forma amigável e delicada, não apresentando agressividade, ansiedade ou medo. **Fonte:** o autor (2022).

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Cenário evolutivo e domesticação

A família *Felidae* descende de um único predador há cerca de 11 milhões de anos atrás. Esse antecessor era semelhante ao leopardo *Pseudaehurus* e abrangia o sudeste asiático (ATKINSON, 2018). Das aproximadamente 40 espécies de felídeos, o gato doméstico (*Felis silvestris catus*) por meio de exame de DNA, tem como ancestral primário o gato selvagem africano (*Felis silvestris lybica*) (BRADSHAW, 2018).

Há aproximadamente 10.000 anos a domesticação do gato era iniciada em uma área do Oriente Médio chamada de Crescente Fértil (Vigne et al., 2004; Driscoll et al., 2007; Lipinski et al., 2008; Bradshaw, 2013). Esta área foi denominada por esse nome por ser conhecida como o berço da agricultura (Bar-Yosef, 1998). A capacidade dos gatos de caçar os roedores indesejados foi um fator imprescindível para a sua aproximação dos humanos e suas outras características não eram levadas em consideração, dessa forma os comportamentos inatos da espécie não foram modificados por seleção genética (RODAN et al., 2011). Nos primeiros 1000 anos ou mais, do jovem relacionamento dos humanos com os gatos, houve a migração deles, feita por nós, para regiões em que não havia representantes, havendo assim a difusão da espécie pelo mundo (BRADSHAW, 2018).

## 2.2 Comunicação felina e os sentidos

Entender como os gatos se comunicam e o que os sentidos audição, olfato, visão e tato orquestram a forma com que ele reage ao mundo, é indispensável para uma consulta produtiva. O felino usa a comunicação corporal para evitar a luta, e quando esses sinais não são compreendidos, uma postura agressiva é apresentada, ocasionando lesões ao profissional que o examina e/ou ao seu tutor que o segura (AAFP, 2004). Permitir que o gato evite o confronto se escondendo, por meio da utilização de toalhas, de caixas ou da própria caixinha de transporte do gato, pode facilitar o manuseio (“*Why i use a cat-friendly clinic*”, 2018). O veterinário que sabe compreender esses sinais realiza seus procedimentos com maestria (RODAN; FOLGER, 2010).

## 2.3 Comunicação visual

Como caçadores solitários eles evitam brigas com outros indivíduos porque não podem se machucar e, conseqüentemente, perderem o seu desempenho na caça (BRADSHAW, 2018). Em virtude disso, os gatos empregam uma variedade de posturas corporais e sinais sutis, usadas para uma comunicação à distância e evitar o contato físico (SPARKES, 2013).

Saber compreender as posturas corporais de significado defensivo ou ofensivo, é obrigatório para uma comunicação amigável com gatos (RODAN et al., 2011).

\* Posturas corporais ofensivas: são usadas em primeira instância para que pareçam confiantes e sem medo. Para conseguir esse feito, o corpo geralmente é levantado e inclinado para frente. Ocorre a pilo-ereção (pelos arrepiados) do corpo e da cauda para que pareçam maiores. As pupilas em formas oblongas sinalizam agressividade (UETAKE et al., 2013). A calda fica para baixo e próxima ao corpo (BRADSHAW, 2018). As orelhas estarão dobradas e exibindo as faces laterais internas das aurículas e lateralizadas (RODAN, 2016). Haverá variação no grau de intensidade dos sinais em relação ao grau de ofensividade (AAFP, 2004).

\* Posturas corporais defensivas: gatos em postura defensiva muitas vezes estão com medo. Os gatos medrosos encaram uma postura corporal abaixada e longe de seu desafiante (ATKINSON, 2018). As orelhas encontram-se giradas para baixo e lateralizadas. A pilo-ereção pode ocorrer no corpo e na cauda, e esta é mantida próxima ao corpo. As pupilas geralmente ficam muito dilatadas em associação ao medo e resposta de luta ou fuga (BRADSHAW, 2018).

De maneira geral, os sinais faciais são mais precoces do que as mudanças na postura corporal, indicando de forma mais rápida os níveis de medo ou ofensividade de um gato (RODAN; FOLGER, 2010).

A cauda é uma parte do corpo bastante expressiva. Balançar a cauda de um lado para outro ou bater ela no chão indica situações de agitação, excitabilidade e/ou incômodo (ATKINSON, 2018). Este sinal corporal com frequência é ignorado, ou confundido com a resposta canina de alegria e interesse (BRADSHAW, 2018), podendo culminar em agressão (BRUNT, 2016).

## 2.4 Comunicação social

O consenso popular de que o gato é um indivíduo solitário foi refutado por pesquisas nas últimas duas décadas (AAFP, 2004).

Os gatos são animais sociais, porém interagem principalmente com os indivíduos do seu grupo social, sua colônia (RODAN et al., 2011). O gato selvagem africano (*Felis s. Lybica*), o ancestral direto do gato doméstico, é um animal solitário. No entanto, o processo de domesticação do nosso gato culminou em uma série de mudanças sociais e comportamentais, que incluem a possibilidade de viverem em grupos sociais e, inclusive, com outras espécies (ATKINSON, 2018). O agrupamento social felino é flexível e permite que os indivíduos possam escolher viver em grupo de tamanhos variados ou sozinhos (AAFP, 2004). Em meio a tais elucidações, é necessário dizer que os gatos não têm a capacidade inata de tolerar algo desconhecido (SPARKES; MANLEY, 2012). As colônias são muito reservadas e estranhos geralmente não são bem-vindos (AAFP, 2004).

## 2.5 Comunicação olfativa e sentido olfato

O olfato é um dos sentidos maestrais na vida do gato. Está ligado ao reconhecimento do ambiente, de outros indivíduos, da atividade sexual e de forma equivalente às demais, está inteiramente ligado à sua apreciação pela comida (RODAN; FOLGER, 2010). Os gatos utilizam o odor para se comunicar com o mundo ao seu redor e para entendê-lo. Contam com uma capacidade olfativa cerca de mil vezes mais sensível que a nossa (BROADLEY; MCCOBB; SLATER, 2014). Entre o palato duro e a narina está situado um segundo sistema de detecção olfativa dos gatos, o órgão vomeronasal ou órgão de Jacobson (ATKINSON, 2018).

Tal órgão é responsável por uma percepção que fica entre olfato e paladar, detectando e identificando substâncias químicas, principalmente feromônios, que se dissolvem na saliva quando o gato abre a boca e a mantém ligeiramente aberta, fazendo uma “careta típica” para a captação desses químicos, conhecida por “Reflexo de Flehmen” (RODAN, 2016). Os feromônios são oriundos de glândulas sebáceas que estão distribuídas em pontos específicos do corpo do gato, mas estão em maior quantidade na cabeça (BRADSHAW, 2018).

Regiões como bochechas, arredores da boca, têmporas e porções externas das orelhas são os locais de produção dos feromônios faciais (ATKINSON, 2018). Tal meio de comunicação é tão importante e expressivo para a espécie, que até o momento já foram identificados cinco feromônios faciais diferentes, contendo quantidades de ácidos graxos variáveis e compostos químicos distintos. São eles:

- F1 e F5: funções ainda não identificadas.
- F2: marcação sexual utilizada por machos.

- F3: marcação facial de áreas familiares e seguras.
- F4: identificado como cheiro trocado em “*allorubbing*” (esfregar conjunto de cabeças, bochechas e flancos) e “*alomarking*” (esfregar no mesmo objeto inanimado) por membros do mesmo grupo social) (Pageat e Gautier, 2003; Mills et al., 2013).

Os conhecimentos da capacidade olfativa e da sua importância para a vida do gato se tornam aliados da equipe veterinária quando esta adota uma postura mais íntima das necessidades e exigências do felino, trazendo um contato muito mais amistoso e tranquilo (AMAT; CAMPS; MANTECA, 2016).



**Figura 2:** Uso de feromônio sintético para melhor recepção do paciente. **Fonte:** o autor (2022).

### ***2.6 Comunicação vocal, tátil e os sentidos audição e visão***

A comunicação vocal é bastante utilizada pelos gatos e os sons produzidos por eles são inúmeros e com muitos significados (RODAN et al., 2011). O miado é uma vocalização muito associada ao gato doméstico e é utilizado por ele a vida toda. No entanto, na natureza, é raramente presenciada em adultos, somente em filhotes. Cada gato desenvolve miados com significados próprios para a comunicação com o seu tutor. O ronronar é uma entoação utilizada em situações de felicidade, mas é sabido que esse som também é utilizado em momentos de medo ou quando doentes (BRADSHAW, 2018).

A comunicação tátil entre gatos do mesmo grupo social é bastante comum e indicam estado de tranquilidade e interação entre os indivíduos. Quando esses contatos ocorrem de

forma mútua, indicam um sinal positivo e um vínculo social entre os indivíduos (CARNEY et al., 2012). São eles:

- Allorubbing: ato de esfregar bochechas, cabeças e flanco de forma mútua.
- Allogrooming: ato de lambedura mútua entre os felinos.
- Alomarking: ato de se esfregarem no mesmo objeto inanimado (ATKINSON, 2018).

A capacidade auditiva dos gatos também revela informações importantes no entendimento dos comportamentos da espécie. Eles podem ouvir uma gama de frequências que abrange tudo que podemos ouvir e vão muito além, conseguindo escutar notas muito graves e até na região do “ultrassom” (ATKINSON, 2018). São privilegiados com uma audição quatro vezes mais sensível que a do ser humano, tendo uma das faixas de audição mais ampla entre os mamíferos (RODAN; FOLGER, 2010).

O sentido visão também é extremamente aguçado como os demais supracitados, fazendo com que os gatos sejam pacientes mais reativos em uma consulta. A capacidade dos gatos de utilizar qualquer luz disponível, de maneira muito superior à humana, confere a eles uma capacidade muito maior de visão no escuro, tornando-os também muito sensíveis à luz (BRADSHAW, 2018).

## ***2.7 O medo e a ansiedade***

Que os gatos ocupam uma posição de predadores é de conhecimento de muitos, no entanto, eles também ocupam a posição de presas de outros animais e, conseqüentemente, costumam apresentar medo em ambientes ou situações desconhecidas (RODAN et al., 2011). O medo é a principal causa de comportamentos ofensivos e inadequados em uma consulta veterinária, mas a ansiedade também pode levar a comportamentos indesejados (BRUNT, 2016). O gato tem o medo como resposta para evitar o perigo percebido. Já a ansiedade é a antecipação de um evento ou experiência negativa que o gato já presenciou previamente, como por exemplo, experiências amedrontadoras e dolorosas (CARNEY et al., 2012). Esta última é considerada um fator importante ligado a agressividade, sendo indicado a administração de analgésicos quando presente (BRUNT, 2016).

### ***2.7.1 Reconhecendo o medo***

Saber como identificar as respostas ao medo de um gato é muito importante, pois, como já alertado, o medo é a principal causa de respostas ofensivas (AMAT; CAMPS; MANTECA, 2016).

- Congelamento: o paciente fica imóvel, “congelado”, geralmente agachado. O congelamento é uma resposta ao medo muito comum em uma consulta.
- Fuga: o paciente evita o confronto com seu oponente, fugindo e muitas vezes tentando se esconder.

- Luta: o paciente confronta o oponente para se defender.
- Disfarce ou inquietação: o paciente tenta evitar o estímulo amedrontador, sem tentar fingir ou se defender. Em resumo, ele tenta redirecionar a sua atenção, como por exemplo, realizando os cuidados e a higienização dos pelos (“grooming”), afim de não enfrentar o oponente ou a situação (RODAN, 2016).

Reconhecer e interpretar as respostas felinas relativas ao medo e ansiedade é um fator crucial para o médico veterinário propiciar ao seu paciente uma consulta veterinária menos estressante (STELLA; CRONEY; BUFFINGTON, 2014).



**Figura 3:** Paciente recepcionado da forma correta e sem apresentar respostas ao medo. **Fonte:** o autor (2022).

## ***2.8 Socialização e aprendizagem***

A socialização permite mudanças potenciais na vida do gato. A exposição a novas pessoas, ambientes diferentes e outros animais confere a ele uma personalidade menos medrosa e mais social (AAFP, 2004). É necessário dizer que a ousadia felina e a sua capacidade de interagir com tudo que é novo variam de acordo com a predisposição genética (RODAN et al., 2011). Entretanto, a socialização feita no período correto é um fator determinante para ajudar o gato a lidar com novas experiências e ser mais social (CARNEY et al., 2012).

O principal período de socialização dos felinos deve ocorrer entre a 2ª e a 9ª semana de vida. Isso não quer dizer que o gato não possa aprender depois desse tempo, refere que esse período é crucial para desenvolver nele a capacidade de continuar aprendendo ao longo de seu desenvolvimento (BRADSHAW, 2018). O período de socialização é crucial para o filhote desenvolver memória e o médico veterinário tem o dever de entender esse assunto. Se o gatinho tem uma experiência traumatizante em sua primeira consulta, certamente sentirá medo nas próximas visitas ao veterinário (SPARKES, 2013).

## ***2.9 Consultas amistosas para o felino***

### ***2.9.1 A importância das práticas amigáveis***

A maioria das consultas veterinárias de gato são extremamente frustrantes e traumatizantes. A origem da falta de conhecimento sobre o comportamento felino e a suas peculiaridades advém, muitas vezes, dos próprios cursos de medicina veterinária, que se concentram apenas em cuidar/tratar de gatos doentes, envenenados e machucados (RODAN, 2016). Em virtude do estresse provocado pelas consultas no paciente felino, os tutores podem sentir que as possíveis desvantagens e sofrimentos causados ao gato superam os benefícios para a saúde dele (ATKINSON, 2018). Além de estressante para o gato, a experiência pode ser equivalentemente estressante para o tutor, desenvolvendo nele um sentimento de aversão a futuras consultas ou levando-o a procurar locais que tenham práticas felinas mais amigáveis (CÂNON e RODAN, 2016).

Práticas veterinárias que causam bem-estar ao paciente e ao seu tutor atraem novos clientes, causam aumento no vínculo veterinário-tutor e possibilitam uma melhor resolução do caso clínico do paciente (SPARKES; MANLEY, 2012). De acordo com dados bem fidedignos, a maioria dos animais de estimação entregues a abrigos foram avaliados por um médico veterinário no ano anterior ao abandono, resultado de problemas comportamentais mal resolvidos (AAFP, 2004).



**Figura 4:** Recepção por uma equipe preparada para realizar um atendimento agradável ao paciente e tutor. **Fonte:** o autor (2022).

### ***2.9.2 A sala de consulta***

Ao chegar no consultório, é indicado que a caixa de transporte seja aberta e que o paciente saia dela por conta própria e explore o ambiente. A sala de consulta não deve ter locais que os gatos possam fugir ou se esconderem de forma que impossibilite o seu manuseio. Gatos não são animais muito grandes, dessa forma, os equipamentos e aparatos de uma sala de consulta devem ser menores que as demais salas padrões (BRUNT, 2016).



**Figura 5:** Recepção do paciente de forma adequada, esperando o gato sair da transportadora de forma espontânea. **Fonte:** o autor (2022).

Como já falado das grandes capacidades dos sentidos dos gatos, é necessário evitar ou diminuir estímulos agressores, como:

- **Audição:** Vozes altas dentro e fora do consultório, aparelhos que emitem sons e movimentos que também possam gerar sons desagradáveis ao paciente (LLOYD, 2017).
- **Olfato:** evitar o uso demasiado de álcool e outras substâncias de assepsia voláteis, assim como produtos de limpeza com aromas muito acentuados. Não é indicado o uso de purificadores de ambientes automáticos, não somente pelo cheiro, mas pelo som que eles emitem (RODAN; FOLGER, 2010).
- **Visão:** não é recomendado o contato visual direto e persistente com o felino, pois o gato pode entender como um sinal de ameaça (como se ele estivesse sendo espreitado por um predador) (“Why I use a cat-friendly clinic”, 2018). Luzes muito fortes no rosto do paciente também podem irritá-lo (UETAKE et al., 2013).
- **Tato:** o contato tátil deve ser delicado, em regiões como bochechas e queixo (ATKINSON, 2018). Jamais utilize contenções agressivas como segurar com força a pele da nuca (manobra conhecida como “scruffing”). Essas contenções podem parecer eficazes num primeiro momento, mas a longo prazo causam aumento do estresse e estimulam comportamentos agressivos em futuras consultas, além de causarem muita dor (BRUNT, 2016).
- **Paladar:** o uso de petiscos pode ser um grande aliado na aproximação do vínculo entre o médico veterinário e paciente felino. O jejum antes da consulta pode ajudar na interação do gato com o petisco oferecido (RODAN, 2016).



**Figura 6:** Veterinário ofertando petisco e fortalecendo o vínculo com seu paciente. **Fonte:** o autor (2022).

### 3 METODOLOGIA

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) foi realizado durante o ano de 2022. No dia 09/06/2022 realizou-se, efetivamente, a gravação de um vídeo documentário, no qual foram abordados os assuntos discutidos na revisão bibliográfica apresentada brevemente no TCC1 e complementada e aprofundada no presente TCC2 (banco de dados PubMed, Portal de Periódicos CAPES e ResearchGate). As gravações foram realizadas na cidade de Uberlândia, nas dependências do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia.

Foram utilizados no total e gatos figurantes, pertencentes à equipe de gravação.

No vídeo documentário foram abordados assuntos como: a recepção ideal do paciente felino, os comportamentos da espécie e os conhecimentos sobre os sentidos visão, audição, olfato e tato dos gatos, bem como as principais formas de contenção e manuseio do paciente, também foram demonstradas.

O documentário será dividido em vídeos menores e a divulgação será feita pela elaboração de um banner, o qual contará com QR-codes que darão acesso aos vídeos. O banner será colocado na recepção do hospital veterinário da UFU, para que os tutores possam acessar o conteúdo.

#### **4 CONCLUSÃO**

O ambiente hospitalar deve ser agradável para o paciente, tutor e veterinário. Para que esse objetivo seja alcançado, as necessidades do gato como paciente devem ser entendidas e as condutas para realizar uma consulta mais agradável para todos, devem ser empregadas.

Cabe a toda equipe veterinária ser instruída das informações acerca do atendimento amigável para gatos, para dessa forma conseguirem o resultado esperado.

O atendimento de qualidade se dá por todos os detalhes que, se empregados de forma correta, culminam em uma consulta muito mais saudável para todos.

Link de acesso ao documentário: <https://youtu.be/X7VxqxAOXFc>

## REFERÊNCIAS

AAFP. Feline Behavior Guidelines. **American Association of Feline Practitioners**, p. 6–43, 2004.

AMAT, M.; CAMPS, T.; MANTECA, X. Stress in owned cats: behavioural changes and welfare implications. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 18, n. 8, p. 577–586, 2016.

ATKINSON, T. **Practical feline behaviour**. [s.l: s.n.].

BRADSHAW, J. Normal feline behaviour: ... and why problem behaviours develop. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 20, n. 5, p. 411–421, 2018.

BROADLEY, H. M.; MCCOBB, E. C.; SLATER, M. R. Effect of single-cat versus multi-cat home history on perceived behavioral stress in domestic cats (*Felis silvestrus catus*) in an animal shelter. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 16, n. 2, p. 137–143, 2014.

BRUNT, J. E. Abordagem Amistosa no Atendimento a Gatos. In: **O gato - Medicina interna**. [s.l: s.n.].

CARNEY, H. C. et al. AAFP and ISFM Feline-Friendly Nursing Care Guidelines. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 14, n. 5, p. 337–349, 2012.

LLOYD, J. K. F. Minimising stress for patients in the veterinary hospital: Why it is important and what can be done about it. **Veterinary Sciences**, v. 4, n. 2, 2017.

RODAN, I. et al. AAEP and ISFM Feline-Friendly Handling Guidelines. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 13, n. 5, p. 364–375, 2011.

RODAN, I. Compreensão e Manuseio Amigoso dos gatos. In: **O gato - Medicina interna**. [s.l: s.n.].

RODAN, I.; FOLGER, B. Respectful handling of cats to prevent fear and pain. **Journal of Feline Medicine & Surgery**, p. 569–573, 2010.

SPARKES, A. Developing cat-friendly clinics. **In Practice**, v. 35, n. 4, p. 212–215, 2013.

SPARKES, A.; MANLEY, D. S. From small acorns & the new Cat Friendly Clinic/Cat Friendly Practice programmes. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 14, n. 3, p. 180–181, 2012.

STELLA, J.; CRONEY, C.; BUFFINGTON, T. Environmental factors that affect the behavior and welfare of domestic cats (*Felis silvestris catus*) housed in cages. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 160, n. 1, p. 94–105, 2014.

UETAKE, K. et al. Effects of single caging and cage size on behavior and stress level of domestic neutered cats housed in an animal shelter. **Animal Science Journal**, v. 84, n. 3, p. 272–274, 2013.

Why i use a cat-friendly clinic. **Veterinary Record**, v. 183, n. 1, p. 31, 2018.